

Ideias à luz da INAC 2015

(29/10/15) Recentemente na INAC – International Nuclear Atlantic Conference, em São Paulo, foi possível verificar o real panorama do Programa Nuclear de alguns países, como China, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Alemanha, Espanha, Bélgica, Emirados Árabes e Brasil. Foi possível verificar o desenvolvimento dos referidos programas, os avanços que os mesmos tiveram e como foram encarados, nos aspectos de uma visão estratégica associada a uma missão do programa ou como uma missão a ser perseguida.

Dentre os países que colocaram a energia nuclear como uma visão estratégica, o programa se desenvolveu com vigor independente das adversidades políticas, econômicas ou financeiras pelos quais o país passava, por entenderem ser esta posição estratégica para o desenvolvimento tecnológico do país que dariam ganhos em termos de recursos humanos, tecnológicos e energéticos ao país. Pode-se verificar a coordenação dos diversos programas de desenvolvimento de energia nuclear em campos distintos com desenvolvimento de recursos humanos e aplicação em tecnologia de forma consistente e integrada. Esta posição fez com que estes países conseguissem se colocar na vanguarda de programas nucleares consistentes no panorama mundial que se apresenta e terem uma vantagem estratégica no mundo multipolarizado de hoje no que tange à questão tecnológica. Estes países, após desenvolver uma visão estratégica no campo nuclear, colocaram de forma clara a missão bem definida com as diversas áreas a serem desenvolvidas de forma integrada para se chegar à visão definida anteriormente.

Já nos países que colocaram uma missão a ser perseguida, existe a intenção do desenvolvimento pontual da energia nuclear, porém não o fazem de forma sistemática e diversificada com um projeto coordenado bem definido, além de normalmente estes projetos estarem sujeitos às diversas adversidades políticas, econômicas e financeiras. Este grupo não tem um Programa de Estado completo, e sim intenções isoladas no campo nuclear ao invés de ações coordenadas e são dependentes de países que estão no outro grupo que desenvolvem tecnologia nos mais diversos campos.

O Brasil já teve um pujante programa nuclear, com a construção de um dos primeiros reatores de pesquisa do mundo, de um programa de Usinas Nucleares já na década de 70, de prospecção de urânio e de desenvolvimento de tecnologia de ultra centrifugas com baixo gasto de energia, que o colocava na vanguarda do grupo dos que têm uma visão no campo de energia nuclear bem definida e uma missão bem detalhada. Entretanto, devido às adversidades acabou sendo alocado à posição dos países que têm missões descentralizadas da energia nuclear, apesar de apresentar polos de desenvolvimento com missão e visão bem definidos, mas não integrados entre si.

Fica claro que, como partes interessadas no desenvolvimento da energia nuclear em nosso país, deveremos traçar rumos consistentes em um programa de Estado para a área nuclear, como forma de definirmos os campos que poderemos traçar, organizar aqueles que estejam trabalhando em áreas similares e desenvolver de forma sinérgica os recursos humanos com um melhor aproveitamento dos nossos investimentos, minimizando os custos e maximizando os resultados. Creio que, ao pensarmos de forma integrada neste sentido, poderemos sim dar um norte de como poderemos seguir e, ao invés de ficarmos ao sabor das intempéries conjunturais, sermos nós a definir o rumo que desejamos de forma estratégica para o programa nuclear brasileiro.

Hoje no país, temos áreas bem definidas em relação à visão e à missão de sua área de atuação, como a Eletronuclear, a INB e a Marinha do Brasil, restando a melhoria na organização das outras áreas de ação no campo de energia nuclear.

Uma estratégia para se delinear um programa nuclear brasileiro com aspecto de Programa de Estado pode ser elencada da seguinte forma:

- 1) Definir portfólios de projetos que estejam em desenvolvimento no país;
- 2) Definir áreas de ação para sistematizar os projetos que desenvolvemos;
- 3) Definir prioridades nas áreas de ação para identificarmos projetos que possam ser priorizados em função do desenvolvimento do programa nuclear;
- 4) Fomentar a integração dos diversos projetos afins de acordo com as áreas de ação e colocar em contato as áreas convergentes, semelhantes e similares;
- 5) Após a integração dos projetos, melhorar as gestões dos projetos que desenvolvemos no país para otimizar os recursos humanos e financeiros;
- 6) Definir o programa de Estado para a energia nuclear consistente que dê as bases para uma Visão do programa Nuclear que desejamos;
- 7) Coordenar os portfólios de acordo com o programa de Estado na parte nuclear;
- 8) Melhorar o gerenciamento de projetos começando com os eixos de escopo, cronograma e marcos bem definidos. O gerenciamento de projeto, segundo o *PMBOK 5th edition*, deverá abranger as diversas áreas de conhecimento: integração, escopo, tempo, custos, qualidade, recursos humanos, comunicações, riscos, aquisições e partes interessadas;
- 9) Identificar, de acordo com *benchmarks* da área nuclear, nas áreas de ação, pontos a serem desenvolvidos em nosso país;
- 10) Consolidar a ABEN para coordenar estas ações de forma independente das forças políticas e econômicas conjunturais para travar este marco necessário e fundamental na área.

Logo, se efetivamente queremos ter o desenvolvimento na energia nuclear de forma consistente, o espaço para se traçar um programa de estado existe e deve ser ocupado

preferencialmente como fruto de uma ampla discussão com a sociedade, e que poderá ser liderada pela ABEN como a organização não governamental mais representativa da comunidade nuclear do país. Esta consolidação nos dará uma sistematização e organização à comunidade que fará com que possamos avançar neste momento cíclico de crise, onde os melhores esforços se sobressaem para superação e avanço. É nesta hora que nossa força e organização de nossos recursos humanos farão a diferença!

Obrigado pela oportunidade e forte abraço!

Autor: Paulo Artur Pimentel Tavares da Silva – engenheiro químico UFRJ, MBA Gerenciamento de Projeto FGV/RJ e colaborador da Gerência de Desempenho em Sistemas e Reator de Angra 1 da Eletrobras Eletronuclear